

# MONTÍCULOS, PEDRAS E ÁRVORE

Paisagem, trabalho, território e memória em uma residência artística

*Arthur Lauriano do Carmo*

**Resumo:** Este artigo reflete sobre uma residência artística realizada na comunidade de Terra de Areia (RS), investigando como improvisação, erro, acaso e atenção podem constituir ferramentas metodológicas em práticas artísticas de território. A narrativa poética do processo — que incluiu erguer uma árvore morta, caminhar carregando pedras e envolver moradores na recuperação de memórias locais — é entrelaçada a reflexões teóricas de Simone Weil e Byung-Chul Han, dentre outros. Discutem-se criticamente as tensões entre paisagem, trabalho, território e memória desencadeadas por essa experiência, demonstrando como o fazer artístico pode reconfigurar narrativas locais e propor novos olhares sobre o cotidiano, sem perder o fio subjetivo e ensaístico da vivência.

**Palavras-chave:** residência artística; improvisação; atenção; território; memória.

# MONTÍCULOS, PEDRAS E ÁRVORE

Paisagem, trabalho, território e memória em uma residência artística

Arthur Lauriano do Carmo

É preciso imaginar Sísifo feliz.

Albert Camus, *O mito de Sísifo*

A primeira imagem que pude me deter em Terra de Areia foi a de um céu opulento-estrelado. Tendo chegado à noite, madrugada adentro, numa casa afastada do centro da cidade, longe de vizinhos, fazia tempo que não via um céu como aquele. Já dentro da casa, deitado na cama, todas outras noites outras estrelas se acenderiam: adesivadas no teto, estrelas fluorescentes brilhavam no escuro, resquícios da infância de alguém que ali vivera, uma geração próxima a minha. Essa oposição entre um céu natural tão pujante do lado de fora e as marcas de uma geração crescida no auge das artificialidades do plástico foram as primeiras impressões que iriam voltar algumas vezes durante minha estada nesta cidade do litoral norte do Rio Grande do Sul, num bairro chamado Boa Vista.

Participei dessa residência em fevereiro de 2021, com apoio da Lei Aldir Blanc,<sup>1</sup> no âmbito do CASCO,<sup>2</sup> **Programa de Integração Arte e Comunidade**, interessado em investigar as relações entre ambiente, cultura-infraestrutura local e prática artística.

## Paisagem e trabalho local

Logo nos primeiros dias, saí para observar a paisagem de Terra de Areia, atravessado pela silhueta distante da Serra do Mar e pelos extensos cultivos de abacaxi e mandioca conduzidos por agricultores familiares. Conversando com um morador, soube que em um hectare de terra colhem-se até 12 mil abacaxis, escoados gradualmente para mercados da região ou quitandas vizinhas em levas de 200 a 600 unidades. São números impressionantes de uma economia agrária visível na paisagem e nos corpos em constante cuidado e labuta. Em todos os lugares, havia movimento e trabalho: gente carpindo, plantando, erguendo paredes, chapiscando e finalizando casas novas no bairro da Boa Vista. Essa energia de fazer-contínuo construção-incessante me fez refletir sobre meu próprio papel ali enquanto artista. Em meio a um cotidiano tão pautado pelo trabalho manual, eu procurava pontos de contato ou dissonância entre o pulsar laborioso da cidade (de pouco mais de dez mil habitantes) e o meu fazer artístico, que muitas vezes opera em registros sutis e simbólicos.

Chamou minha atenção o fato de que mesmo nos quintais mais bem cuidados sempre havia alguns pequenos montículos de sobras: rejeitos de construção, caliça, entulho, monturos – nomes variados para aqueles montes discretos que fui aprendendo com os moradores. Esses montículos em seu conjunto formavam um espaço invisível nos quintais, mas não completamente esquecidos. Invisíveis à primeira vista, não estavam lá por descuido: cada um guardava uma esperança de futuro. Fosse juntar lenha, aterrar um terreno, consertar a estrada de terra-solo arenoso dos buracos de carros e chuvas. Eram acúmulos à espera de destino, um **espaço potencial** no cotidiano

doméstico. Interessavam-me particularmente **os percursos e as incertezas** embutidos nesses montes: muitos acabariam virando lenha; outros dependiam de condições imprevisíveis para cumprir sua promessa, como *um casamento que não veio* ou *uma obra que um dia talvez se faça*. Havia ali um futuro incerto, mas armado de alguma possibilidade — um **porvir imaginado** depositado na paisagem comum. **Prestar atenção** no comum incerto.

Essa atitude de atenção profunda aos elementos negligenciados da paisagem dialoga com a filosofia de Simone Weil. Para Weil, a atenção verdadeira é uma forma de generosidade, um esvaziar-se para realmente enxergar outro ou mundo em sua plenitude de presença (WEIL, 2019). Exercitar a atenção em Terra de Areia significou suspender o desejo-buscar e deixar que a própria paisagem – com seus vestígios-resíduos-silêncios – me falasse. As entrevistas pelo portão, **30.484 mortes**, hospitais lotando de onde eu vinha, Manaus e Amazonas acontecidos em janeiro de 2021, pessoas morrendo sem oxigênio e crescendo em fevereiro de 2021, logo mês seguinte, território de pandemia e residência. Olhar demoradamente os montículos nos quintais foi um ato de resistência contra a distração e a superficialidade. A suspensão do **nosso pensamento**, escreve Weil, *deixa-nos distantes, vazios e prontos para sermos penetrados pelo objeto* (WEIL, 2019) e de fato, ao contemplar aqueles montes de restos, passei a entrever histórias latentes, energias de trabalho pretéritas e futuras.

## Improvisação, acaso e mudança de planos

Minha proposta inicial para a residência era construir alguns móveis instalados na paisagem, com-

binando elementos naturais (como sementes de flamboyant que são originárias de Madagascar e outras ilhas da África) com elementos trazidos de Curitiba (parafusos, pedaços de metal). Porém, logo percebi que não era a época de floração do flamboyant: poucas sementes estavam disponíveis nas vagens semi-lenhosas daquela árvore exótica. Essa frustração inicial com meu erro-ausência da natureza foi o primeiro de muitos convites ao improviso. Ao tentar visitar um antigo galpão gaúcho, celeiro tradicional que também pretendia pesquisar fui surpreendido por um enxame de marimbondos. A investida defensiva dos insetos me expulsou do galpão e deslocou o rumo da minha investigação. O **acaso** interveio ali de forma incontornável, me forçando a recalcular a rota criativa.

Contratempos frutíferos. A impossibilidade de seguir o plano desejo inicial abriu espaço para soluções intuitivas e experimentais conectadas com metodologias artísticas baseadas na **ação-**

**-improvisação-ação.** Pude vivenciar na prática aquilo que artistas como John Cage propuseram: incorporar o acaso e a indeterminação do entorno no processo criativo, em vez de negar a **experiência da presença deles.** Ao invés de lamentar o imprevisto, abraçar o método-caminho da experiência. Assim, meu foco se voltou para uma árvore caída na minha casa na residência — tronco morto, coberto por gramíneas, deitado no montículo de entulho-esquecimento no quintal. Numa necessidade de também construir algo, espelhado pela vida local, me propus a retirar essa árvore do seu montículo e remontá-la. Talvez como sinal de outro tempo, talvez numa vontade de sobrepor tempos diferentes de vida ou mesmo como uma resposta à minha frustração com os flamboyants. Desenterrar uma árvore, era o que pensava. Pô-la de pé. Novamente. Morta, mas de pé. Desenterrar. Levantar. **Levante.**



**Figura 1:** Arthur Lauriano do Carmo  
*Levante*, 2021.  
Performance, duração indeterminada.  
Fonte: acervo do artista.  
Fotografia: Arthur Lauriano do Carmo

Quando me apresentava como artista aos moradores locais para fotografar seus monturos de jardins me apresentava como alguém que estaria ali para trabalhar com alguns elementos da paisagem local. Contar alguma história enquanto artista-plástico ou mesmo como um artista-documentarista (STEEN, 2008). De todas as histórias que eu podia perceber que estavam ali entrelaçadas, nenhuma falava tanto de Terra de Areia quanto a chegada da rodovia asfaltada, a BR-101. Implantada ali a partir de um projeto nacional, iniciado com Juscelino Kubitschek e levado a cabo pelos Militares como estratégia de integração (desmatamento e expropriação), ainda reverbera por todo o interior do País. A rodovia tem uma presença fundamental para a vida da cidade. Dividiu por muito tempo o lado da rodoviária, por onde desembarcavam as pessoas, e no qual proliferava o comércio, e o outro lado, o chamado lado paraguaio, talvez dito assim num sentido de desqualificar uma margem pouco acessada, esquecida. A margem do Rio Cornélios, no qual a cidade existiu por primeiro, numa outra dimensão temporal, era citada de forma saudosa, mesmo lírica. *No tempo em que era em Cornélios, Quando não tinha a rodovia.* Um atendente de informática contou do tempo de plantações de mandioca de seu avô. A espera pelo barco a vapor, as carroças, outro-tempo.

Duas paisagens que desapareceram da vista, mas são parte fundamental da construção do eu lírico brasileiro: a hidroviária e a ferroviária. Outro tempo. Outros tempos. Tropeços da paisagem em decisões de Estado. Tropear. Em pedras que são muitas decisões. Imprecisões. Desfavoráveis em qualquer consulta popular. Pedras em silêncio, carregadas pelos carros, carroças, ainda correm, amassadas nas estradas. Pedras que não sorriem. Esquecidas, inútil depósito praias. Os móveis, que

poderiam registrar o vento e as ventanias desse local passaram então a ser percebidos por mim como um vento civilizatório, que encobria a história de tantos outros lugares e paisagens e que nesse sentido deslocou a cidade para as margens da rodovia, BR-101, e quantas não foram assim? Assim surgiu uma ideia de caminhada, com meu corpo a arrastar pedras para o outro lado da cidade, para o outro tempo-rio. O tempo saudoso de alguns moradores. **A cada 100 passos uma pedra.** No passo 101, recomeçar a contagem. *As pedras nunca sorriem, e tu vais dizer que é passado.*

*Trabalho de caminhar* estando num triângulo seco em relação à bacia hidrográfica da região, entre o Rio Cornélios, a Lagoa dos Quadros e a Lagoa Itapeva, o grande bairro de Boa Vista em Terra de Areia não possui rios ou lagoas, é formado por alguns banhados, restinga e o pampa, além de pequenos açudes, criadouros de peixes. Não gostaria de retirar nada do local, da geografia de Terra de Areia e transportar para qualquer outro lugar que não fosse a própria cidade. Mas ainda havia a possibilidade de depositar algo sobre a terra-areia que formariam o caminho de regresso temporal da BR-101 ao Rio Cornélios. Retirar pedras, e então depositar palavras. Com meu dedo, gesto e corpo escrevi palavras ao longo do trajeto da caminhada, todas as vezes que retirava uma pedra, depositava uma palavra. Fazer da palavra uma pedra. Todavia, as palavras ali depositadas ainda eram minhas, o caminhar também, mas não o caminho, nem as pedras. Da BR ao Rio, para onde levaria as pedras para tomarem encontro do rio, serem depositadas, formarem parte de um outro leito que não o rodoviário, faltava algum outro texto, um texto que eu não poderia inventar ou narrar, algo que fosse dos moradores locais.

**O erro e o fracasso** nessas circunstâncias deixaram de ser inimigos da experiência. Conforme Byung-Chul Han (2015) discute, vivemos na sociedade do desempenho onde o imperativo de produtividade constante nos torna avessos a qualquer falha ou *tempo morto* – uma condição que leva ao esgotamento e à depressão. Em Terra de Areia, escolhi me libertar desse imperativo de eficiência. Pude converter o *erro* em encontro: a falha do plano original não paralisou o proces-

so, ao contrário, catalisou novas conversas. Na contramão da lógica produtivista, o **improviso e o errar de percurso** revelaram percursos alternativos. Essa abertura ao erro como potência criativa constitui uma crítica prática ao que Han descreve: num mundo que exige desempenho incessante, afirmar o direito ao inútil, ao *experimento sem garantia*, torna-se quase subversivo (HAN, 2015). Um Sísifo que se põe sorrir (e a chorar) com as pedras (CAMUS, 2007).

**Figura 2:** Arthur Lauriano do Carmo  
*A cada 100 passos uma pedra (As pedras nunca sorriem. E tu vais dizer que é passado)*, 2021.  
Performance, duração indeterminada.  
Fonte: acervo do artista. Fotografia: Kim Costa Nunes





**Figura 3:** Arthur Lauriano do Carmo  
*A cada 100 passos uma pedra (As pedras nunca sorriem. E tu vais dizer que é passado)*, 2021.  
Performance, duração indeterminada.  
Fonte: acervo do artista. Fotografia: Kim Costa Nunes

**Figura 4:** Arthur Lauriano do Carmo  
*A cada 100 passos uma pedra (As pedras nunca sorriem. E tu vais dizer que é passado)*, 2021.  
Performance, duração indeterminada.  
Fonte: acervo do artista. Fotografia: Kim Costa Nunes



**Figura 5:** Arthur Lauriano do Carmo  
*A cada 100 passos uma pedra (As pedras nunca sorriem. E tu vais dizer que é passado)*, 2021.  
Performance, duração indeterminada.  
Fonte: acervo do artista. Fotografia: Kim Costa Nunes



Diante disso, senti a necessidade de envolver diretamente os moradores na tessitura poética do trabalho-memória-matéria. Junto com meu articulador local, retornei a diversas casas que havíamos visitado anteriormente (quando eu apenas fotografava os montículos em seus quintais) e propus algo a alguns moradores: que escrevessem breves relatos de suas **memórias de água** – lembranças ligadas a rios, chuvas, lagoas, ou quaisquer histórias que emergissem desse imaginário aquático.

Água do Parto

Água do Rio

Água do Poço

Água de Banho

Água da Chuva

Água da Poça Água de Lava o carro

Água da Piscina

Água da Bananeira

Água do Cachorro

Água da Corçan

Água de Mar Água Gelada

Água Salgada

Água Doce

Água Amarela

Água Salobra<sup>3</sup>

A experiência em Terra de Areia tensionou e transformou minhas noções de paisagem, trabalho, território e memória. A paisagem deixou de ser mero cenário para se revelar como tecido vivo de forças infraestruturais e políticas (as estrelas, as plantas, as máquinas, a estrada); o trabalho ganhou faces múltiplas, do braçal cotidiano ao tra-

balho poético de Sísifo; o território mostrou-se atravessado por linhas históricas e afetivas, memória, muitas vezes soterradas sob camadas do presente.

Em um trajeto à contramão daquele que carregou a cidade da orla do canal até a aridez do asfaltamento, em um caminho histórico inverso, o artista propôs um retorno: um percurso em direção a memórias distantes, a tempos saudosos vividos junto com as águas de lá. (...) O cântico, a distância percorrida, o peso carregado, as pedras, a caminhada rumo ao ponto de origem, todos esses elementos apontavam aspectos litúrgicos. Sua proposta de peregrinação estabelecia algum tipo de diálogo com o universo teológico cristão, algo já constituinte do processo de formação do artista. (...) Durante a residência, investigou e registrou as estruturas materiais que denotavam os ofícios locais. Direcionou seu olhar aos galpões esparramados pela paisagem e à arquitetura rural, documentando restos de produção que se avistavam pelos quintais da Boa Vista. (FABRES, 2021, s/p.)

Em última instância, confirmar *Sísifo feliz* significa reconhecer que há uma alegria intrínseca em persistir na presença, em *levantar de novo o que caiu*, em arrastar pedras e palavras para construir junto novas possibilidades de mundo — mesmo que seja por um breve momento de encontro-comunhão.

1 Residência artística realizada com recursos da Lei Aldir Blanc, Lei nº 14.017/2020, política emergencial de apoio ao setor cultural brasileiro durante a pandemia de Covid-19.

2 O CASCO – Programa de Integração Arte e Comunidade teve sua primeira edição realizada em fevereiro de 2021, aproximando artistas, articuladores locais e pequenas comunidades do litoral norte do Rio Grande do Sul. A residência contou com articulação local vinculada ao território e integrou artistas participantes do programa, em processos de pesquisa, escuta e produção artística situados em diferentes cidades da região. Disponível em: <https://www.cascoresidencia.com.br>. Acesso em: 15 out. 2025.

3 Lista elaborada a partir de anotações de caderno-processo de Diener Pereira Lima e familiares, em Terra de Areia, 2021.

## REFERÊNCIAS

- CARMO, Arthur Lauriano do. *Levante*. 2021. Performance. Terra de Areia, RS. Fotografia do autor. Acervo do artista.
- CARMO, Arthur Lauriano do. *A cada 100 passos uma pedra (As pedras nunca sorriem. E tu vais dizer que é passado)*. 2021. Performance. Terra de Areia, RS. Fotografias de Kim Costa Nunes. Acervo do artista.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- FABRES, Lola. Arthur L. do Carmo: residente do Distrito-sede de Terra de Areia. *CASCO*, 2021. Disponível em: <https://www.cascoresidencia.com.br/terra-de-areia>. Acesso em: 17 out. 2025.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LIMA, Diener Pereira. *Anotações de caderno-processo*. Terra de Areia, 2021. Material não publicado.
- STEEN, Paula Alzugaray van. *O artista como documentarista: estratégias de abordagem da alteridade*. 2008. Dissertação (Mestrado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. DOI: 10.11606/D.27.2008.tde-15072009-221515. Acesso em: 17 out. 2025.
- WEIL, Simone. *Espera de Deus*. Petrópolis: Vozes, 2019.

Arthur Lauriano do Carmo é doutorando em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo e pesquisador associado ao Fórum Permanente. Trabalha entre Curitiba e Rio de Janeiro. Contato: [arthur\\_carmo@id.uff.br](mailto:arthur_carmo@id.uff.br)